

RELATO DE EXPERIÊNCIA SENDO PARTE DO PROGRAMA DE TUTORIAS DO NÚCLEO DE ACESSIBILIDADE E INCLUSÃO (NAI)

AMANDA VEBER SOARES DIAS¹; CAROLINA MACEDO DOS SANTOS
QUILLFELDT²;

ALINE NUNES DA CUNHA DE MEDEIROS³:

¹Universidade Federal de Pelotas – amaandavebs@gmail.com 1

²Universidade Federal de Pelotas – carol.quill1@gmail.com 2

³Universidade Federal de Pelotas – alinencm@gmail.com 3

1. INTRODUÇÃO

A inclusão é percebida enquanto um dever social que deve atuar de forma a garantir a participação plena de todas as pessoas na sociedade. Pessoas com deficiência e outros transtornos, por exemplo, enfrentam diariamente entraves que dificultam que suas necessidades sejam atendidas de forma integral. Quando no âmbito universitário, esses obstáculos se apresentam de forma bastante clara através da dificuldade de acesso e permanência no ensino superior. Posto isto, a inclusão deve viabilizar a promoção da superação de barreiras estruturais e sociais, além de promover apoio a esta população desde o momento de ingresso na universidade até seu egresso por diplomação (GRANJA et al., 2024).

Atualmente, o acesso ao Ensino Superior já dispõe de processos seletivos adaptados às necessidades dos candidatos, apesar de ainda carecer de mais adaptações que contemplem todas as singularidades demandadas. Todavia, a partir do crescente número de alunos com deficiência nas universidades, cresce também a urgência por políticas de permanência desses estudantes no nível superior. Ainda que já se visualize diferentes ações inclusivas, o ambiente universitário ainda elucida carências de acessibilidade, tais como barreiras físicas, inviabilizando um ambiente adaptado; preparo dos docentes na oferta de atividades acadêmicas que possibilitem estado de equidade com os demais alunos; e, em suma, a quebra de paradigmas e preconceitos vigentes nesses meios (GARCIA; BACARIN; LEONARDO, 2018).

Portanto, para fins de reduzir gradativamente os déficits inclusivos no ambiente universitário, normativas como a do Programa de Acessibilidade na Educação Superior (Incluir), a qual prevê diretrizes para a prática de Núcleos de Acessibilidades em instituições de ensino superior, apresentam-se enquanto formas de possibilitar um ambiente universitário mais inclusivo. Ademais, esses núcleos emergem enquanto formas de promover a eliminação de entraves estruturais, bem como viabilizar a estruturação de práticas pedagógicas que contemplem a pluralidade de existências, além da elaboração de planos de desenvolvimento individuais para estudantes com deficiência e outros transtornos.

Em consonância, o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) surge na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) como parte deste projeto do Ministério da Educação e atua para impulsionar as políticas e ações que estão a favor da inclusão no Ensino Superior. O aluno com direito a acesso ao núcleo pode dispor de atendimentos com profissionais da Psicopedagogia, da Terapia Ocupacional e Tradutor e Intérprete de Libras. Para além disso, o núcleo também contempla o Programa de Apoio à Inclusão Qualificada de Alunos/as com Deficiência, com Transtorno do Espectro Autista e com Altas Habilidades e Superdotação no

Ensino Superior. Este, por sua vez, estabelece a possibilidade de que cada aluno disponha de um tutor, colaborando para a garantia da inclusão e permanência nos cursos de graduação da UFPel (NAI, 2024). Assim, através da convivência semanal, tutores e tutorados constroem laços significativos, aproximando-se de maneira que enriquece a socialização e favorece um ambiente de aprendizado mútuo entre pares. Logo, o presente trabalho tem como objetivo expor um relato de experiência de uma estudante do curso de Psicologia da UFPel como bolsista, ao longo do primeiro semestre letivo de 2024, no programa de tutorias do NAI.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

As tutorias que estarão servindo como base para a observação e construção deste trabalho vem sendo realizadas desde julho de 2024 até o presente momento por uma estudante do 7º semestre do curso de Psicologia, através do programa de tutorias do NAI da UFPel, com carga horária de vinte horas semanais. Durante o primeiro semestre letivo do ano de 2024 (2024/1), a tutora acompanhou outra acadêmica do curso de Psicologia, de 24 anos de idade, com diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista (TEA). A tutorada cursa o 5º semestre do curso, está matriculada em 6 disciplinas e solicitou, posteriormente, o trancamento de uma delas.

As tutorias foram realizadas semanalmente às terças-feiras, de forma remota, pela plataforma *Google Meet*, posto que a aluna estava em exercício domiciliar por conta de um afastamento por saúde. Esses encontros tiveram duração média de 1 hora e 30 minutos, a depender das demandas apresentadas pela discente naquela semana. Além disso, o aplicativo *Whatsapp* era utilizado para sanar possíveis dúvidas que surgissem ao longo dos dias, mostrando-se uma ferramenta importante e ágil com resposta imediata.

Ao longo desse período, as tutorias serviram como um espaço de auxílio e apoio para as necessidades da aluna enquanto discente do curso de Psicologia, sendo a maior parte das demandas relacionadas aos estudos e as avaliações das disciplinas em curso. Sendo assim, os encontros foram pautados na organização da agenda de avaliações e dos estudos semanais, bem como no auxílio – através de exemplos ilustrativos e termos simplificados – para o melhor entendimento das tarefas solicitadas pelos professores. Ademais, em alguns momentos, foi necessário orientar e assistir a aluna na comunicação com os docentes, principalmente para fazer combinados sobre avaliações, tarefas de sala de aula e outros projetos.

Além disso, as tutorias tornaram-se um espaço seguro para que a tutorada compartilhasse questões em relação às suas vivências universitárias, visto que a partir dos encontros semanais foi possível que se desenvolvesse um vínculo entre tutora e tutorada. Nesses momentos, a aluna se expressava sobre dificuldades encontradas na graduação e seus sentimentos.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das ações realizadas nas tutorias, foi percebido que um dos principais obstáculos existentes é a dificuldade de flexibilidade de alguns docentes das disciplinas cursadas. Este obstáculo refere-se à limitação de disponibilidade de recursos para auxiliar a aluna em seus estudos e avaliações, além da dificuldade de comunicação assertiva e ausência de planejamento antecipado das atividades avaliativas.

Além de todas as dificuldades supracitadas, a aluna passou grande parte do período afastada por motivos de saúde, ocasionando a necessidade de cursar o semestre com atividades domiciliares. Esta situação acarretou em algumas adversidades referentes ao aprendizado dos conteúdos referenciados no planejamento das disciplinas. A fim de minimizar essas carências foi solicitado aos professores que disponibilizassem vídeo-aulas referentes aos conteúdos trabalhados em sala. Apesar da disponibilização de alguns docentes para atender a aluna e esclarecer suas dúvidas, não houve êxito quanto ao pedido posto acima. Desta maneira, a ausência da explicação das matérias prejudicou direta e significativamente o aproveitamento da discente sobre as disciplinas cursadas e, como consequência, necessitou trancar um dos componentes curriculares.

Ficou evidente, na disciplina que houve o trancamento, uma resistência em apresentar alternativas mais inclusivas por parte da docente responsável pela cadeira, ainda que tenha sido dialogado sobre as necessidades apresentadas pela estudante. Estas dizem respeito às particularidades na aprendizagem desencadeadas pelo diagnóstico de TEA e também pelo quadro de saúde que a impedia de frequentar a universidade presencialmente. Estas circunstâncias foram cruciais na tomada de decisão para o trancamento da disciplina, optando por cursá-la presencialmente em outro momento. Ou seja, a comunicação com alguns docentes apresenta-se ainda como um desafio.

Neste sentido, a ausência de planejamento antecipado das atividades avaliativas afetou diretamente no rendimento da discente, visto que era fundamental para a estudante saber antecipadamente das datas de entrega de seus trabalhos e avaliações para uma melhor organização – o que impossibilitou a aluna planejar qual seria o tempo hábil para realizar suas atividades. Ainda sobre essa questão, alguns professores acabavam atrasando esse planejamento ou informando tardiamente o que deveria ser realizado, deixando a aluna extremamente ansiosa e despertando sentimento de desinteresse, reduzindo seu rendimento.

Diante disso, as tutorias tornaram-se um espaço de acolhimento para, além das demandas acadêmicas, o compartilhamento de angústias e sobrecarga, revelando a dificuldade da discente em administrar todas as suas demandas. Ademais, segundo a estudante, era extremamente exaustivo solicitar aos (às) docentes por ferramentas que auxiliassem seus estudos e ter que apresentar inúmeras justificativas referentes às suas necessidades, promovendo desgaste no que refere à exposição e reafirmação de seus direitos constantemente. Ou seja, o sentimento de não ser escutada verdadeiramente pelos professores era recorrente, revelando sentir-se mais acolhida quando a tutora servia como intermediário para a comunicação.

Portanto, para uma inclusão eficiente no ambiente acadêmico, é essencial que as instituições desenvolvam novas estratégias para a formação adequada dos professores quanto à educação inclusiva. Sendo crucial investir em capacitações, permitindo que os educadores compreendam as especificidades de cada estudante, desenvolvendo metodologias que respeitem e valorizem as diferenças. Desta forma, não só a prática docente é enriquecida, como também emerge a possibilidade de construir um ambiente acadêmico mais justo e equitativo, onde cada indivíduo tem a oportunidade de desenvolver seu potencial pleno. Somente assim será possível atender às diversas necessidades dos alunos e implementar a verdadeira inclusão nas instituições.

Por fim, reconhecemos a importância da existência do Núcleo de Acessibilidade e Inclusão (NAI) e do programa de tutorias, sendo estas

ferramentas fundamentais para permanência de estudantes com deficiência e outros transtornos na universidade. Através de relatos de experiências como o deste ensaio, percebe-se as tutorias enquanto uma ação positiva por ser um canal de comunicação direto entre aluno e instituição superior. Oportunizando um ambiente acolhedor para a escuta e resolução de demandas. Ainda assim, evidencia-se barreiras atitudinais por parte dos docentes, das quais inviabilizam uma inclusão plena, mostrando-se como um obstáculo na permanência e formação desses estudantes na universidade.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BESERRA, E. P.; SALES, W. N. de; PORTA, C. R.; PEREIRA, R. A.; SCHU, R. A. da S.; GRANJA, D. B.; MESQUITA, L. S. F.; ANDRIOLA, W. B. Ambiente universitário: reflexões sobre acessibilidade e inclusão. *CONTRIBUCIONES A LAS CIENCIAS SOCIALES*, [S. l.], v. 17, n. 7, p. e8958, 2024. DOI: 10.55905/revconv.17n.7-458.

CID. NAI. Acesso em 15 de setembro de 2024. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/cid/nai>

NAI. Tutoria. Acesso em 18 de setembro de 2024. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/nai/tutores/>

GARCIA, R. A. B.; BACARIN, A. P. S.; LEONARDO, N. S. T.. Acessibilidade e permanência na educação superior: percepção de estudantes com deficiência. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 22, n. spe, p. 33–40, 2018.